

A subjetividade moderno-contemporânea como contraponto à objetividade religiosa

*Paulo Roberto de Oliveira**

Resumo: O objetivo central dessa pesquisa é mostrar e articular de forma analógica a origem basilar do processo de secularização – tendo em vista que esse processo ainda não está concluído. A grande questão de fundo é a subjetividade, dessa forma, a reivindicação moderna e contemporânea da liberdade individual é o grande gênesis desse processo. Todo ser racional tende a garantir e demonstrar sua subjetividade como contraponto à tão criticada objetividade religiosa, isto é, a religião como fonte de objetivação do homem. A secularização moderna é suave, pois, tem como meta buscar uma autonomia para a política, a ciência e a moral, sem abolir a ideia de Deus. Contudo, a subjetividade contemporânea tem como pretensão extinguir todos os tipos de manifestação religiosa, pois, as consideram como sendo um grande mal para a sociedade. Desse modo, o estado laico passa a ser um estado ateu que não tolera nenhuma forma de expressão religiosa. As consequências dessa segunda forma de subjetividade e secularização são inúmeras: relativismo, individualismo e indiferentismo são apenas algumas das várias crises pós-modernas aqui identificadas.

Nosso método bibliográfico irá analisar a partir da obra do filósofo canadense Charles Taylor a origem da subjetividade moderna, sendo esta um desvio da autenticidade. É no Iluminismo que a secularização se acentua, pois, a busca pelo progresso passa pela autonomia humana sem interferências religiosas.

O Niilismo de Nietzsche e o Existencialismo de Sartre são as estruturas da subjetividade contemporânea que se qualifica como ateísmo. Jean Paul Sartre afirma a liberdade do homem negando a existência de Deus. Ainda analisaremos as formas de ateísmo atual que são agressivas ao pretenderem abolir a religião da sociedade.

Sendo a subjetividade o núcleo da secularização, mostraremos no final dessa pesquisa a possibilidade de discutir racionalmente sobre o subjetivismo – o subjetivismo relativista coloca a impossibilidade da discussão racional, pois, nega a universalidade dos argumentos. A partir dessa tese, poderemos analisar o lugar da religião na sociedade atual, tendo como horizonte a busca por uma identidade religiosa que seja capaz de dialogar com tal sociedade.

Palavras-Chave: Subjetividade, Religião e Secularização

* Mestre em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Coordenador do Departamento de Publicações da FEVALE.

Introdução

A busca pelas causas sempre foi uma preocupação filosófica. A origem nos ajuda à entender e buscar soluções para os efeitos. Vivemos em uma sociedade marcada pelo processo de secularização. As instituições sociais estão cada vez mais com a consciência de que a história é construída pela humanidade.

Mostraremos nessa pesquisa que o secularismo é um processo natural, pois, nasce da subjetividade. O modo de ser e pensar individual surge de forma saliente na modernidade e amadurece na contemporaneidade com a ideia do niilismo.

A subjetividade nada mais é do que a emergência da liberdade, a existência humana enquanto “nada” reclama tal liberdade perante o objetivismo religioso. Toda religião que se caracterize como tal tem como aspecto primordial o anúncio da supremacia da existência divina perante a nossa.

1- A Subjetividade Moderna

A subjetividade moderna é a célula genética que faz nascer o humanismo antropocêntrico. Analiticamente podemos afirmar que esse antropocentrismo já é resultado de um processo contra o teocentrismo. O processo antropocêntrico inicia na filosofia, passa pela ciência e chega à ética/política através do iluminismo e dos filósofos jusnaturalistas. Ainda assim, demonstraremos que todo esse processo tem como fundamento e finalidade¹ a ética enquanto princípio de autenticidade e bem viver. Mostraremos também que na modernidade a religião (não Deus) é vista como um obstáculo que impede a realização da humanidade, pois, o fenômeno religioso é capaz de aniquilar todas as formas de subjetividade que de alguma forma estão interligados: moral, econômica, política, científica e filosófica.

Segundo Charles Taylor as fontes da autenticidade² estão nas bases da modernidade:

A ética da autenticidade constitui algo relativamente novo e peculiar na cultura moderna. Nascida no final do século XVIII, desenvolveu-se a partir de formas

¹ De forma explícita e implícita.

² A autenticidade é hoje um valor ético precioso. Contudo, há uma confusão entre autenticidade e liberalismo, dessa forma, a força moral do ideal de autenticidade se perde, pois, “na cultura da autenticidade, como quero-chamar-lhe, as pessoas que optam por este ideal defendem um certo tipo de liberalismo, abraçado também por muitas outras. É o liberalismo da neutralidade. Um dos princípios básicos é que uma sociedade liberal deve ser neutra nas matérias referentes ao que constitui uma vida boa” (TAYLOR, 2009, p. 33)

anteriores de individualismo, como o individualismo associado à teoria da racionalidade “separada”, iniciado por Descartes, que impunha a cada pessoa a responsabilidade de pensar por si mesma; ou o individualismo político de Locke, que procurava tornar a pessoa e a sua vontade prioritárias relativamente às obrigações sociais. (TAYLOR, 2009, p. 39).

Dessa forma, estamos recorrendo à Taylor para mostrar a articulação da subjetividade moderna e seu embate com a religião. Avançamos assim como Taylor ao argumentar sobre a ética da autenticidade, isto é, a subjetividade moderna ou individualismo moderno desencadeou um processo que resultou na busca incessante pela vida autêntica.

A subjetividade cartesiana é para muitos a síntese da razão moderna, pois, para ele toda racionalidade deve passar pelo Ego. É pela subjetividade que o conhecimento verdadeiro se desvela, partindo do método até as verdades eternas. Até mesmo o método utilizado é de natureza individual: “Assim, meu propósito não é ensinar aqui o método que cada um deve seguir para bem conduzir sua razão, mas somente mostrar de que modo procurei conduzi a minha” (DESCARTES, 1996, p. 7).

Após estabelecer o método, Descartes sentiu a responsabilidade de reconstruir o sistema filosófico, pois, agora deveria realizar esse trabalho intelectual de forma individual, pois, só assim poderia obter êxito na busca pela verdade. Essa reconstrução nasce da dúvida da existência de si, dos outros, do mundo e de Deus, pois, toda “verdade” estabelecida até então poderia ser falsa, tendo em vista que sua origem está para além de sua consciência.

Já bastante tempo que eu me dei conta de que, a partir de minha infância, considerara verdadeiras muitas opiniões equivocadas, e de que aquilo que, mais tarde, estabeleci em princípios tão mal fundamentados só poderia ser deveras suspeito e impreciso; de maneira que era preciso que eu tentasse com seriedade, uma vez em minha vida, livrar-me de todas as opiniões nas quais até aquele momento acreditara, e começa tudo novamente a partir dos fundamentos, se pretendesse estabelecer algo sólido e duradouro nas ciências (DESCARTES, 2000, p. 249).

Portanto, Descartes conseguiu através do pensamento racional subjetivo mostrar a existência das coisas. Como consequência, Descartes demonstrou um Deus metafísico, não um Deus da revelação. Mas, não negou a existência desse ser divino que como estamos argumentando possui também características objetivistas.

Segundo Sartre, Descartes foi o primeiro a argumentar sobre a liberdade que se fundamenta na autonomia do cogito, ou seja, a liberdade é o exercício de um pensamento independente e não tanto a produção de um ato criador. Porém, essa liberdade cartesiana limita-se na questão do pensamento. Mesmo assim tudo está como que prescrito pela ordem divina, por isso as verdades apreendidas pela razão humana deve ser submetidas à vontade divina, o homem não produz ideias, apenas as contempla, a autonomia do homem só é

salvaguardada dentro de um sistema rigoroso de ideias, por si só o homem tem a responsabilidade de julgar e decidir a sós o verdadeiro do falso. Podemos então dizer que Descartes está entre a subjetividade racional e a objetividade divina.

Mesmo tendo objetivos cognitivos, a filosofia cartesiana possui uma preocupação ética. Da mesma forma, os filósofos posteriores lançam-se na busca pela verdade tendo como horizonte o bem viver. Portanto, é a experiência que faz com que a razão procure dá sentido à tudo aquilo que se experimenta.

O homem do início da modernidade experimentou a guerra, o conflito gerado pela intolerância religiosa, fruto do fideísmo exagerado que de alguma forma uniu-se ao ceticismo no plano da filosofia da natureza.

Descartes, Spinoza e vários outros buscaram ordenar o pensamento racional na tentativa de combater o ceticismo e o fideísmo; desse modo, ética e crítica da religião se coadunam para realizar a dignidade do homem.

É no iluminismo que todas essas reflexões se intensificam sendo transcorridas para a política e com isso, inicia-se uma discussão sobre o progresso da humanidade. Para tanto, era necessário que as teorias revolucionárias pudessem ter uma linguagem popular para atingir à todos. É Voltaire que inicia esse trabalho de panfletagem. A palavra de ordem de Voltaire é dura e não possui as sutilezas da linguagem científica: “Esmagar o infame!”.

Para Voltaire as questões³ metafísicas e teológicas não são apenas equivocadas: são inúteis. O saber sobre Deus não interfere na vida humana, a essência divina não é problema nosso, é portanto, um falso problema.

Se para Voltaire a essência de Deus é indiferente, a crença religiosa não é inofensiva. A metafísica de Leibniz que é indissociável da revelação é para Voltaire a legitimação do mal e do castigo como elemento indispensável para a constituição do “melhor dos mundos possíveis”. Da mesma forma a crítica religiosa se dirige à Pascal, pelo qual, afirma que a miséria humana é fruto do pecado original. Ambas as teorias além de colocar a liberdade humana em cheque, também causam conflitos, guerras e terror.

A subjetividade de Voltaire está para um humanismo que tem como tese a ideia de que o homem não é maldoso; torna-se mau tal como se torna doente. Desse modo, o bem e o mal deixam de pertencer ao universo inteligível da metafísica e da teologia, torna-se um problema humano. Nessa transposição, aquilo que era tido como mal tem sua utilidade na humanidade. O amor-próprio que para Pascal afasta o homem de Deus – assegura a conservação da

³ Voltaire acredita na existência de um ente mais potente do que o ser humano, nada mais.

humanidade, do mesmo modo a paixão e o orgulho fazem com que o Estado e as pessoas sejam dinâmicas na busca pelo bem comum.

Portanto, a subjetividade defendida por Voltaire é um contraponto com a religião, ao colocar a história nas mãos da humanidade. Para ele, a história é a história do progresso, que avança à medida que os homens vão se esclarecendo pelas luzes da razão.

Além do individualismo cartesiano cognitivo, da busca pelo progresso humanista-iluminista, devemos destacar a influência da filosofia antropológica-política de Jean Jacques Rousseau.

Taylor tem como fonte primordial da autenticidade a filosofia de Rousseau. Ser autêntico significa ouvir a própria consciência. No entanto, essa consciência está plasmada de amor-próprio. No plano moral isso significa que nós seres humanos somos dotados de um sentido moral, um sentimento intuitivo do que está bem e do que está mal. Tal concepção é contrária à ideia moral de que a distinção entre o bem e o mal correspondia a um cálculo das consequências das ações, em particular das relativas à recompensa e ao castigo divino. Desse modo, o homem conhece o bem e age conforme esse conhecimento de forma subjetiva. A moral tem, em certo sentido uma voz interior que exclui qualquer instituição artificial. É dessa ideia que a autenticidade se salienta e desenvolve-se.

Isso não quer dizer, como já explicitamos, que Deus é excluído dessa interioridade, pois, para Rousseau, Deus é uma inteligência absoluta presente na natureza. A novidade está no método, pois, é através da interioridade que encontramos as ideias da moralidade e o próprio Deus. Esse ser divino não está na religião, tão pouco as normas morais. Portanto, o problema da moral consiste em seguir a voz da natureza em nós. Essa voz é muitas vezes abafada pelas paixões criadas pela nossa dependência dos outros, das quais a principal é o “amour propre” ou orgulho. A nossa salvação moral torna-se possível pelo restabelecimento do contato moral autêntico conosco mesmo.

É o sentimento da existência a fonte do bem, quem possui um contato íntimo consigo mesmo é capaz de ser um sujeito ético, pois, a imoralidade está nos artificialismos proporcionados pelos outros, pela sociedade.

Logicamente que esse ideal rousseauiano fez com que desenvolvesse também a ideia de auto-realização⁴. Essa ideia é que marca toda a sociedade hodierna secular e consumista.

⁴ Nota explicativa de Taylor: “Menciono esta última ideia não porque esta tenha alguma relação essencial com a de autenticidade. É evidente que estes dois ideais são distintos. Mas desenvolveram-se conjuntamente, por vezes nas obras dos mesmos autores, e estabeleceram relações complexas, quer de oposição quer de proximidade. Por esta razão, têm sido muitas vezes confundidos e este facto está na origem das formas desviantes da autenticidade”.

Pois, a liberdade de autodeterminação exige que me desligue de todas essas imposições externas e decida só por mim próprio.

Essa forma de liberdade é desenvolvida na contemporaneidade, especialmente por Sartre, que coloca um novo humanismo, na qual, as diferenças entre os seres humanos possuem um sentido moral.

A ideia de liberdade de autodeterminação teve uma extraordinária influência na nossa vida política. A vontade Geral não possui oposição por causa da liberdade. Desse modo, Rousseau delimita a função de cada um do estado, que deve ser caracterizado pela vontade geral e governado pela soberania popular.

Com isso surge uma forma radical de secularismo estatal e social. Rousseau acredita ser necessária uma inteligência superior, capaz de avaliar todas as paixões humanas e não participar de nenhuma – ou seja, que não pertença à nossa natureza e ao mesmo tempo a conheça a fundo -, para descobrir as melhores regras para a sociedade. Mas isso não é possível. Então o governo da cidade deve estar nas mãos dos homens e por isso precisa ser bem estruturado.

As formas de subjetividade aqui apresentadas tiveram a princípio objetivos diferentes e diversos: combate ao ceticismo; progresso humanístico; ético; desenvolvimento social, moral, político e econômico. Mas, podemos encontrar semelhanças quanto à finalidade. Ambas as formas tiveram conseqüências comuns: Autenticidade e auto realização. Existe uma preocupação ética que norteou de forma implícita ou explícita todo o trabalho desses teóricos.

Tal intuição moral fez com que a religião fosse qualificada como algo ruim, pois, 1º) não condizia com os princípios lógicos-metafísicos; 2º) impedia a realização do progresso da humanidade; 3º) era causa de intolerância, ceticismo e fideísmo exagerado e por fim objetivava o homem pela sua própria origem: Deus. Porém, Deus ainda é salvaguardado, mesmo pelos empiristas, que, suspenderam a questão: não poder conhecer à Deus não significa que ele não exista.

2- A Subjetividade Contemporânea

Assim como a anterior, a subjetividade contemporânea possui um caráter ético, podendo este fenômeno ser mais nítido no humanismo existencialista. A origem da subjetividade contemporânea acompanha a continuação do desenvolvimento das ciências naturais, bem como o surgimento da psicanálise e o enfoque acerca da religião pela filosofia

da religião. Com isso tudo o ateísmo e a crítica da religião são cada vez mais crescentes e articulados. Em nome da ciência todo sistema metafísico torna-se obsoleto e sem razão de ser. Bem como o materialismo histórico de Marx afirma que todo sistema religioso está interligado com o problema das classes sociais e que um povo só será plenamente livre se e somente se abdicar da religião. Através da psicanálise Feuerbach nega a existência real de Deus enquanto ser absoluto, pois, o ser que Deus é, é o próprio ser do homem e da natureza. Todavia, não encontramos ainda nesses sistemas até aqui apresentados um discurso nítido sobre a subjetividade, pois, existe uma preocupação epistemológica no caso das ciências, social no caso de Marx e psicológica no caso de Feuerbach. Mesmo assim, ao negar a existência divina, todos esses sistemas estão ressaltando a subjetividade, isto é, o mundo e a história são de responsabilidade da humanidade.

Na filosofia de Nietzsche e Sartre, encontramos uma grande exaltação e demonstração da subjetividade, não só em detrimento da religião e de Deus, mas, de qualquer ordem determinista. Existe em ambos uma novidade existencial e cosmológica: O NADA. Pela primeira vez na história do pensamento o niilismo foi estruturado e defendido de forma racional, em outros momentos, o nada emergiu como questionamento, mas, logo foi suprimido pela necessidade lógica do ser. Entretanto, se faz necessário um entendimento profundo dessas filosofias a partir do contexto histórico em que elas estão inseridas. O desenvolvimento científico e o racionalismo instrumental por outro lado, foram os grandes responsáveis pelos conflitos e guerras do século XX, bem como, do sentimento de mecanização da vida humana. Com isso, através da psicanálise, o ser humano tornou-se uma grande incógnita para si mesmo. A complexidade da existência foi escancarada de tal forma que o sentido da própria vida foi posto em cheque. A pergunta: o que é o ser humano? Tornou-se um grande problema, agora quase sem resposta.

Podemos encontrar em Nietzsche duas formas distintas de niilismo. A primeira forma é metafísica. Considera que a existência e o mundo não possuem sentido e pelo “ewige Wiederkehr”⁵ o nada vem à tona. A segunda forma é histórica, diz respeito ao final do século XIX e início do século XX. Essa forma é criticada por Nietzsche, pois, o homem encontra-se em estado de estatificação total, na qual, o homem não sente a existência como deveria, isto é, como no estado dionisíaco.

Para Nietzsche, o niilismo é eminente, porém, sua causa é um grande equívoco:

⁵ Eterno Retorno.

O niilismo está à porta, de onde vem esse mais sinistro de todos os hóspedes? – Ponto de partida: é um erro remeter a “estado de indigência social” ou “degeneração filosófica” ou até mesmo à corrupção, como causas do niilismo. Estamos no mais decente, no mais compassivo dos tempos. Indigência, indigência pacífica, física, intelectual, não é em si capaz, de modo nenhum, de produzir niilismo (isto é, a radical recusa de valor, sentido, desejabilidade). (NIETZSCHE, 2000, p. 429.)

O interessante é que o niilismo possui sua gênese a partir do seu contrário: “... em uma interpretação bem determinada, na interpretação moral-cristã, reside o niilismo” (NIETZSCHE, 2000, p. 429.).

Possuímos uma interpretação moral do mundo baseado na religião, isto é, em um além-mundo incompatível na maioria das vezes com a realidade humana. Para Nietzsche essa interpretação só poderia terminar em niilismo: “A ruína da interpretação moral do mundo, que não tem mais nenhuma sanção, depois que tentou refugiar-se em um além termina em niilismo” (NIETZSCHE, 2000, p. 429.). Para tanto, percebe-se que toda a tradição cristã esforçou-se bastante para produzir um código moral religioso. Mas, qual é a interpretação correta do mundo? Essa questão não pode deixar de ser colocada nessa reflexão sistemática sobre a origem do secularismo na sociedade. Desde os gregos, o encontro entre culturas e crenças foi decisivo para uma tomada de consciência da realidade humana como um ser que produz religião, mas, que não possui por hora uma verdade absoluta.

Desse modo, buscar fundamentar algo (a moralidade por exemplo) em um universo trans-humano é impossível e faz com que tomemos consciência do Nada:

O niilismo como estado psicológico terá de ocorrer, primeiramente, quando tivermos procurado em todo acontecer por um “sentido” que não está nele: de modo que afinal aquele que procura perde o ânimo. Niilismo é então o tomar-consciência do longo desperdício de força, o tormento do “em vão”, a insegurança, a falta de ocasião para se recrear de algum modo, de ainda repousar sobre algo – a vergonha de si mesmo, como quem se tivesse enganado por demasiado tempo ... Aquele sentido poderia ter sido: “o cumprimento de um cânone ético supremo em todo acontecer, a ordenação ética do mundo, ou o aumento do amor e harmonia no trato dos seres; ou a aproximação de um estado de felicidade universal; ou mesmo o livrar-se um estado universal de nada – um alvo é sempre um sentido ainda. (NIETZSCHE, 2000, p. 430).

O niilismo também surge pela produção da totalidade, na qual, a alma humana encontra paz e alegria como nos afirma Santo Agostinho. Porém, o estado psicológico niilista dá ao homem a consciência de que esse universal não existe, é uma criação mental que tem sua origem na ideia de valor: “O bem do universal exige o abandono do indivíduo... mas, vede, não há um tal universal! No fundo, o homem perdeu a crença em seu valor, quando através dele não atua um todo infinitamente valioso: isto é, ele concebeu um tal todo, para poder acreditar em seu valor” (NIETZSCHE, 2000, p. 431).

Outra forma de niilismo ocorre quando o homem julga o mundo do vir-a-ser como ilusão e tenta construir um verdadeiro mundo, porém, esse mundo não é metafísico, mas, humano. Sendo assim, esse mundo é montado de forma contingente e arbitrária.

Nietzsche sistematiza essas três formas de Niilismo: “Dadas essas duas compreensões, de que como o vir-a-ser nada deve ser alvejado e de que sob todo vir-a-ser não reina nenhuma grande unidade em que o indivíduo pode submergir totalmente como em um elemento de supremo valor: resta como escapatória condenar este inteiro mundo do vir-a-ser como ilusão e inventar um mundo que esteja para além dele, como verdadeiro mundo” (NIETZSCHE, 2000, p. 431).

Nietzsche realiza uma análise privilegiada da civilização ocidental contemporânea. Ele observa que toda religião é uma tentativa moral de objetivar o homem, em uma linguagem nietzscheana, torná-lo escravo. Nesse estado, o homem é domesticado, possui o sentimento de piedade que brota do sofrimento e tem como valor a solidariedade.

O interessante é que o niilismo da civilização hodierna causa um mal estar que é a decadência da civilização, porém, esse mesmo processo esteve presente no surgimento do cristianismo. Para superar o niilismo histórico é necessário antes de tudo o desenraizamento daquilo que tornava o cristianismo desejável para o escravo: a sua apreensão da existência como fonte de sofrimento. Desse modo, Nietzsche desenvolve a tese do “ewige Wiederkehr”⁶, na qual, o *Übermensch*, é aquele ser que está para além de qualquer objetividade, isso sem dúvida configura-se um ultra-subjetivismo.

Jean Paul Sartre não é tão otimista como Nietzsche. Para ele a única situação do homem é a liberdade. Porém, essa liberdade é resultado de um estudo metafísico que estruturou o ser em três regiões ontológicas: “L’Être-En-Soi”⁷, “L’Être-Pour-Soi”⁸, e “L’Être-Pour-Autruí”⁹. O Ser-Em-Si é opaco em si mesmo, contingente e sem fundamento. O “Ser-Para-Si” é marcado pela interrogação, pela consciência de si que pergunta sobre si mesmo e depara com o “Néant”¹⁰. É importante destacarmos que esse estudo metafísico sartreano foi desenvolvido através de um método rigoroso: a fenomenologia; é preciso analisar o ser em ato, como ele se apresenta e pensá-lo de forma lógica para extrairmos o eidos.

⁶ Eterno Retorno.

⁷ Ser-Em-Si.

⁸ Ser-Para-Si.

⁹ Ser-Para-Outro.

¹⁰ Nada

O “Néant”, portanto, assim como o ser, está em toda parte, prova disso é o ser do homem que se faz como nada. Nesse caso, o homem se faz, essa é a condição do ser homem. Portanto, a liberdade é o ser construído pelo eterno fazer do homem.

Através da tese sobre a liberdade, Sartre expõe de forma radical e absoluta a subjetividade como condição de humanidade. Tanto é que essa subjetividade foi por vezes criticada pelos marxistas e cristãos. Entretanto, Sartre ministrou uma conferência para rebater essas críticas, posteriormente essa conferência tornou-se livro: “O Existencialismo é um Humanismo”.

Na obra “L’être et le néant”, Sartre efetiva duras críticas aos sistemas que tendem à objetivar a existência. O maior sistema é o divino, a religião e o próprio Deus colocam a essência precedendo a existência. Para Sartre é existindo (fazendo-se) que o homem vem a ser. Entretanto, este ser que o homem pensa ter encontrado está sempre para além dele: “Assim, a paixão do homem é inversa à de Cristo, pois, o homem se perde enquanto homem para que Deus nasça. Mas a ideia de Deus é contraditória, e nos perdemos em vão; o homem é uma paixão inútil” (SARTRE, 1997, p. 750).

Esse pequeno trecho revela que a liberdade como fundamento ético toca um ponto essencial: o problema de Deus. Embora Sartre nunca tenha se preocupado exhaustivamente com a questão de Deus, pois, para ele a sua não existência deve ser intuída e não argumentada, constatamos que ao afirmar a liberdade do homem, Sartre está negando a existência de Deus, mesmo não discursando sobre esse ser, de maneira implícita ou explícita.

A própria ideia de Deus é contraditória em relação à existência do homem e do mundo, bem como em relação a ele mesmo, pois, não pode existir um ser que seja em-si e para-si. Suponhamos que Deus e o homem existam, desse modo, o homem não é livre, pois, será totalmente supressumido pelo ser de Deus, como em um sistema panteísta. Mas, no mundo real o homem existe, então, Deus não pode existir.

Essa conclusão parte da intuição humana e da análise do ser. Sartre primeiro estudou o ser para depois mostrar a complexa ideia divina.

Observemos os seguintes trechos autobiográficos: “No fundo, tudo me enfadava: fui levado à descrença, não pelos conflitos dos dogmas, mas, pela indiferença de meus avós” (SARTRE, 1986, p. 66), Entretanto tinha fé: “de camisola, ajoelhado sobre o leito fazia todos os dias minha oração, mas sempre mais raramente pensava em Deus” (SARTRE, 1986, p. 65), Uma só vez teve a sensação da existência de Deus, por ocasião de um pecadilho que tentava esconder: “Repentinamente, senti o olhar de Deus no interior da minha cabeça e sobre minhas

mãos. Mas a indignação salvou-me e blasfemei: Deus nunca mais me olhou” (SARTRE, 1986, p. 66).

Estas três evocações de Sartre revelam a sua rejeição precoce da religião, uma vez que nos ritos, nas ilusões e na culpabilização provenientes dela, os homens se alienam de sua liberdade.

A doutrina ontológica de Sartre sobre o Ser-Para-Si ficou conhecida como existencialismo, isto é, “o homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer” (SARTRE, 2010, p. 25). Não existe natureza humana, na medida em que não existe Deus para concebê-la.

Dessa forma, o humanismo não significa apenas antropocentrismo, mas, tornar o homem senhor de si. Com isso, subjetivismo e humanismo estão interligados, pois, o humanismo existencialista afirma que o objetivo do existencialismo é tornar a vida humana melhor na medida em que o homem é capaz de construir sua própria história.

A moda existencialista constituiu um dado importante para a formação da cultura atual. O secularismo emergiu na exata proporção da consciência subjetiva que entra em choque com as verdades estabelecidas pela religião e “por Deus”. O homem atual não quer ser “um corta papel”, um objeto, mas, declara-se livre. Entretanto, essa ideia na filosofia existencial é paradoxal, pois, ao mesmo tempo que o homem busca a liberdade, que ser um ser-em-si, tendo em vista sanar algumas das suas questões existenciais. Deus seria a solução: um ser que é sujeito e objeto ao mesmo tempo, porém, essa unidade é impossível. Essas são questões para a psicanálise existencial.

Sartre de uma forma indireta faz um apelo pela liberdade. O homem é chamado a reinventar-se, criar valores, sendo a liberdade o único valor já estabelecido pela existência. Todavia, seu ateísmo não é organizado institucionalmente.

O ateísmo do nosso tempo é de certo modo agressivo do ponto de vista das religiões. Além de demonstrar a não existência de Deus e a falácia religiosa, os novos ateus afirmam categoricamente que a religião é um mal e por isso precisa ser abolida da sociedade. Podemos citar por exemplo Richard Dawkins, que em seu livro “The God Delusion” explicitou o caráter patológico da religião, mostrando que o fenômeno religioso nasce a partir de um desvio biológico que de certo modo serviu para a evolução e a sobrevivência da espécie humana, mas, que, pela sua própria natureza é um mal.

Primeiramente por causa do fundamentalismo:

A religião fundamentalista está determinada a arruinar a educação científica de inúmeros milhares de mentes jovens, inocentes e bem-intencionados. A religião não fundamentalista, sensata, pode não estar fazendo isso. Mas está tornando o mundo seguro para o fundamentalismo ao ensinar as crianças, desde muito cedo, que a fé inquestionável é uma virtude. (DAWKINS, 2006, p. 367).

Segundo: o absolutismo:

O Talibã afegão e o Talibã americano são bons exemplos do que acontece quando as pessoas levam as escrituras a sério e em termos literais. Elas proporcionam uma reprodução moderna e apavorante de como dever ter sido a vida sob a teocracia do antigo testamento. (DAWKINS, 2006, p. 368).

Além desses problemas gerados pela religião, Dawkins ainda cita: moralismos (fé e homossexualidade), santificação da vida humana (não condiz com a realidade) e mesmo a fé moderada alimenta o fanatismo. Os discursos religiosos são sem dúvida inflamados de um certo tipo de ódio perante aqueles que não professam a mesma verdade de fé. Em países ricos e pobres encontramos a figura do religioso que vive de forma objetiva, sendo “escravo do senhor”.

Essa luta de Dawkins advém da onda de religiosidade e superstição que percorre o mundo. Se por um lado a desilusão pela razão trouxe o niilismo, por outro lado as pessoas se tornaram sedentas de Deus. Todavia, as instituições sociais estão cada vez mais fora dos mandamentos da religião. Acontece, pois, um fenômeno interessante, em que todas as pessoas, religiosas ou não, estão preocupadas com o capital, buscam na religião a prosperidade. Aumenta o número de religiões supersticiosas, que tem como característica a espiritualidade cosmológica. Diante do secularismo temos os fundamentalistas que tentam segurar-se como podem para manter a religião viva. Em geral, a religião tornou-se uma prática secundária na vida cotidiana, não é mais o centro da existência, pois, todo sujeito quer estar no centro.

3- A Subjetividade e o Discurso Racional

Para muitos a subjetividade é a máxima que deve imperar na sociedade atual. Desse modo, todo discurso científico ou moral que tenha pretensões universais está fadado ao fracasso. Contudo, Charles Taylor considera o fato de que existe uma busca para compreender a subjetividade e a autenticidade. Para tanto, é necessário um discurso racional.

Toda formação individual se dá de forma dialógica: “A formação da mente humana não é, neste sentido monológica, algo que cada um realize sozinho, mas dialógica” (TAYLOR, 2009, p. 47). Portanto, podemos racionalizar a autenticidade pelo princípio da construção da identidade. Mas, essa identidade que se dá pelo conflito social é decidida pelo indivíduo: “necessitaríamos dos outros para nos realizarmos, mas não para nos definir-mos a nós mesmos” (TAYLOR, 2009, p.47).

Outro argumento ainda mais importante é o da significação. Buscar autenticidade é dirigir-se àquilo que tem significado essencialmente humano, aquilo que é quase sagrado para nós. Mas, o princípio de significação não é o relativismo? Para Taylor “as coisas adquirem importância num contexto da inteligibilidade”(TAYLOR, 2009, p. 50). Para que uma coisa tenha sentido, significado é necessário que tal coisa esteja em um horizonte de sentido.

Portanto, todo ideal só possui sentido se a escolha for orientada por um horizonte de valor. Neste caso, a busca pelo sentido da vida é encontrada nesse mesmo horizonte. Por outras palavras, só posso definir a minha identidade contra um fundo de questões que importam. A autenticidade não é uma oposição às exigências que transcendem o meu eu, mas pressupõe tais exigências, que chamamos de exigências objetivas.

O homem se perde na imanência, o subjetivismo fica preso nele mesmo. Mostramos que existem realidades lógicas universais que vão além de qualquer subjetividade.

O processo secular não acabou, pois, o homem tem sede de transcendência e da verdade.

Nesse sentido, a religião deve atender aos anseios da nova sociedade que quer encontrar um sentido para viver. Todavia, essa religião terá que aproximar cada vez mais da filosofia e da teologia para responder três questões:

- 1) O que constitui a vida plena?
- 2) Qual é o sentido da vida?
- 3) O que torna a vida humana digna de ser vivida?

Essas questões demonstram que a religião deve ser humanista e procurar fundamentar um existencialismo cristão.

Conclusão

A questão final que queremos abordar é de cunho existencial. O caminho que pode ultrapassar o secularismo é humanístico. O problema é saber se as religiões estão preparadas

para responder às questões humanas existenciais mais profundas. O problema se agrava quando percebemos que Deus não se manifesta, isto é, buscamos um ser transcendente, mas, não encontramos. Neste caso, parece que a religião é mais uma invenção humana, não para explicar questões científicas, mas, para preencher o vazio da existência humana.

Nossa pesquisa dirigiu-se sempre entorno dessa problemática existencial, que por vezes, invocou também a problemática moral e metafísica.

Se a religião não consegue demonstrar Deus, então, fracassará. O fenômeno religioso não pode ser considerado apenas como manifestação cultural, pois, cada sociedade possui uma cultura diferente e também religiões diferentes. Desse modo, cada cultura religiosa possui seu Deus criador e a receita para a salvação. Imaginem: no mundo existem milhares de religiões, cada qual com seus dogmas e ritos. Onde está a verdade? Essa questão sobre a verdade é realmente importante? Claro que sim; pois, se a religião explica minha origem e meu destino, então a minha religião deverá ser a verdadeira, senão, tudo está perdido!

O secularismo é então um processo natural na medida em que a subjetividade que brota da revelação do ser é eminente.

Referências

- DAWKINS, Richard. *Deus: Um Delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *Meditações*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O Niilismo*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- SARTRE, Jean Paul. *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. *O Existencialismo é um Humanismo*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- TAYLOR, Charles. *A Ética da Autenticidade*. Lisboa: Edições 70, 2009.